

Pensando bases para a criação arquitetônica: um estudo sobre as preferências estético-arquitetônicas de estudantes segundo estágios de aprendizagem

Thinking about bases for architectural creation: a study on the students' architectural-aesthetics preferences according to learning stages

Pensando bases para la creación arquitectónica: un estudio sobre las preferencias estéticas y arquitectónicas de los estudiantes conforme etapas de aprendizaje

ORSI, Giuliano

Arquiteto e Urbanista, Mestre em Urbanismo, Doutorando do PPGAU/UFRN, docente da Universidade Federal do Tocantins, giulianoorsi@gmail.com

ELALI, Gleice Azambuja

Arquiteta e Urbanista, Psicóloga, Doutora em Arquitetura e Urbanismo, docente do PPGAU/UFRN, gleiceae@gmail.com

RESUMO

Entendendo a importância do repertório arquitetônico como elemento que potencializa a criatividade projetual em Arquitetura e Urbanismo, o trabalho objetiva analisar as preferências estético-arquitetônicas de estudantes, consideradas parte do *background* do aluno (e do futuro profissional) e, portanto, fator que influencia a sua criatividade. Parte-se da hipótese de que, enquanto as preferências dos alunos iniciantes abarcam um repertório diversificado, nos estágios mais avançados de aprendizagem há uma convergência para repertórios próprios da arquitetura moderna. A pesquisa utilizou um instrumento com trinta imagens de obras referenciais de variados períodos históricos (abrangendo desde o final do século XVIII até a atualidade) que foi aplicado a estudantes em três estágios de aprendizagem: inicial, intermediário e avançado. O estudo ocorreu em três instituições de ensino localizadas em regiões distintas (e distantes) entre si: UFRN (localizada em Natal-RN), UFT (Palmas-TO) e UL (Lisboa-Portugal). Embora ainda não possam ser generalizados, os resultados obtidos mostram uma forte tendência para a confirmação da hipótese dentre os participantes brasileiros, diversamente do que acontece com os portugueses. Alerta-se para a necessidade de ampliar a bagagem projetual dos estudantes como modo para instrumentalizá-los mais amplamente para a atividade criativa.

PALAVRAS-CHAVE: criatividade, preferências estético-arquitetônicas, estudantes.

ABSTRACT

Taking into account that the importance of the architectural repertoire as an element which enhances the designing creativity at Architecture and Urbanism, this article has as goal to analyze students' architectural-aesthetics preferences that are considered to be part of the background of the student (and future professional) and therefore, a factor which influences his/her creativity. It begins from the hypothesis that meanwhile among the preferences of beginner students reverberate diverse repertoires, in advanced stages of learning the students' preferences converge to repertoires of modern architecture. This research used an instrument with



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

thirty images of reference works from various historical periods (since late XVIII century until nowadays); participated students in three learning stages: beginners, intermediates and advanced. This study took place in three educational institutions situated in different regions: UFRN (in Natal - Rio Grande do Norte - Brazil), UFT (Palmas – Tocantins - Brazil) and UL (Lisbon - Portugal). Although we cannot be still generalized the results, they demonstrate a strong tendency towards the hypothesis confirmation among Brazilian participants, very diverse from what happens with the Portuguese. It is important to aware to the necessity of expanding the students' architectural background as a way to prepare them to a creative activity.

KEY-WORDS: *creativity, aesthetic and architectural preferences, students.*

RESUMEN

Comprendiendo la importancia del repertorio de arquitectura como un elemento que potencia la creatividad en Arquitectura y Urbanismo, el trabajo tiene como objetivo analizar las preferencias estético-arquitectónicas de los estudiantes, consideradas parte de lo arsenal de conocimientos del alumno (y futuro profesional) y, por tanto, factor que influye en su creatividad. Se tiene como base la hipótesis de que las preferencias de los estudiantes de semestre inicial del curso corresponden a un repertorio más variado, en cuando en las preferencias de los estudiantes de las últimas etapas de aprendizaje (final del curso) hay una convergencia a los repertorios de la arquitectura moderna. La investigación utilizó un instrumento con treinta imágenes de obras de referencia de diversos periodos históricos (desde finales del siglo XVIII hasta el presente). Se aplicó este instrumento a estudiantes en tres etapas de aprendizaje: inicial, intermedio y avanzado. El estudio se llevó a cabo en tres instituciones educativas situadas en regiones diferentes (y distantes entre sí): UFRN (ubicado en Natal - Rio Grande do Norte - Brasil), UFT (Palmas – Tocantins - Brasil) y UL (Lisboa - Portugal). Aunque no se pueda generalizar, los resultados muestran una fuerte tendencia a confirmar la hipótesis entre los participantes brasileños, diferentemente de lo que ocurre con los portugueses. Alertase para la necesidad de ampliar el conocimiento arquitectural de los estudiantes como una forma de prepararlos para la actividad creadora.

PALABRAS-CLAVE: *creatividad, preferencias estéticas y arquitectónicas, estudiantes.*

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, a literatura indica como criativos os produtos que: (i) respondem às necessidades detectadas pelos autores; (ii) se mostram socialmente reconhecíveis e úteis; e (iii) se apresentam estética e funcionalmente condizentes com o período sócio histórico vivenciado (ALENCAR, 1995; OSTROWER, 2005; WEISBERG, 1986). Além disso, a pessoa só pode ser realmente criativa no(s) campo(s) de conhecimento que domina e utilizando os materiais/elementos que conhece minimamente, ou seja, tendo como base elementos com os quais tenha alguma familiaridade. Partindo desse entendimento os autores contemporâneos que se dedicam ao estudo de atividades criativas defendem o treinamento como um investimento essencial para estimular a criatividade de indivíduos e grupos em uma área (HARRIS, HALL, 1970), o que promoveria o seu maior desenvolvimento e/ou aprimoramento.

No campo da formação profissional em Arquitetura e Urbanismo (AU), além do treinamento formal voltado para a atividade analítica e propositiva relacionada ao espaço, a literatura aponta a importância da gradativa construção de um *background* (bagagem projetual) surgido a partir de

experiências pessoais e de estudos de precedência (ELALI, 2005; KOWALTOWSKI et al, 2010). Assim, entendendo o papel e o valor do repertório como elemento que potencializa a criatividade – e sob a perspectiva de uma pesquisa mais ampla sobre como alunos de AU percebem obras referenciais nesse campo –, este artigo apresenta os resultados iniciais de um estudo que discute as preferências estético-arquitetônicas de estudantes.

Embora entendamos que o maior ou menor ‘apreço’ de um/a autor/a (seja profissional ou estudante) por um determinado conjunto de obras não implica necessariamente na transposição direta de suas características para um produto arquitetônico a ser criado por ele/a (o que poderia tangenciar o ‘pastiche’, a ‘imitação’), acreditamos que o ‘apreço’ por uma obra faz com que ela tenha ‘influência’ no processo de criação, por meio da busca de qualidades que se assemelhem às observadas naquele exemplo, o que pode acontecer mesmo que tal objeto esteja defasado temporal, funcional ou tecnologicamente. Nesse sentido, entende-se por ‘Influência’ algo próximo da ‘inspiração’, como utilizado por Boudon et al (2000) ao definirem o conceito de ideia. Segundo estes autores, diferenciando-se da concepção popular de inspiração (enquanto centelha que gera uma iluminação repentina e não controlável que pode ser útil à resolução de um problema), “as ideias do arquiteto são frutos de suas convicções, crenças ou opiniões” (p. 18), ou seja, resultam da sua experiência, condição que as torna capazes de impulsionar a criatividade.

Partindo desse entendimento geral, como hipótese defendemos que, enquanto alunos iniciantes têm aspirações estético-arquitetônicas diversificadas, próximas do gosto leigo/popular, os estudantes em nível avançado tendem a preferir a estética impressa nas obras de arquitetura Moderna (OAM), o que pode reduzir significativamente o repertório arquitetônico ao qual recorrem em seus projetos.

Essa afirmativa apoia-se em pesquisas como as realizadas por Sommer (1979) e Sanoff (1991) que, há várias décadas, denunciam existirem diferenças significativas entre preferências arquitetônicas de leigos e profissionais. Também em nível internacional, mais recentemente Stamps (1999) e Akalin et al (2009) trabalharam instrumentos específicos para investigar preferências arquitetônicas, também apontando importantes variações nas percepções entre grupos de leigos e de profissionais com formação no campo do *design* (entendido de maneira ampla, como a atividade profissional de arquitetos, urbanistas, designers, artistas plásticos), e indicando a necessidade de incrementar as investigações empíricas sobre o tema.

Mesmo não tendo localizado estudos nacionais sobre preferências arquitetônicas, inferimos que no Brasil também exista uma espécie de ruptura entre padrões estéticos acadêmicos (mais centrados nas



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

OAM) e padrões estéticos leigos/não-acadêmicos. Para embasar essa ideia tomamos por base críticos brasileiros que discutem a postura do público leigo nesse campo, notadamente no que se refere à “renitente ausência de aspiração vanguardista” (PULICI, 2014), inclinação para o “neopassadismo” (SERAPIÃO, 2004), e resistência à “arquitetura dos arquitetos” (DURAND, 1989). Entendemos ainda que, no campo da AU, o discurso combativo da academia pode ter consequências pedagógicas que dificultem ao estudante enxergar as qualidades intrínsecas a determinados exemplares referenciais que não apresentem as características estético-formais inerentes ao Modernismo.

Salientamos que o trabalho não objetivou levantar amostras externas ao ambiente acadêmico para executar comparações entre os gostos leigo e acadêmico. Pragmaticamente, a pesquisa pressupôs (e considerou) que os estudantes/participantes em estágio inicial teriam preferências mais próximas do gosto leigo/popular em virtude do seu pouco contato com a formação em AU (pois foram submetidos ao instrumento de investigação logo na primeira semana do ingresso no curso), de modo que a influência da academia sobre sua percepção é mínima. Obviamente o interesse desses estudantes pela área de AU pode significar maior procura por conhecimentos ainda no ensino médio, porém entendemos que isso não aconteceria de modo muito sistematizado, podendo se assemelhar ao empenho de outras pessoas não profissionalizadas na área.

2 MÉTODO

Com o intuito de buscar indicativos para discutir a hipótese enunciada, investigamos as preferências estético-arquitetônicas de alunos de AU inseridos em três estágios de aprendizagem (inicial, intermediário e avançado, definidos em intervalos de três semestres letivos, respectivamente) de cursos de três universidades: Federal de Tocantins (UFT, Palmas-TO), Federal do Rio Grande do Norte (UFRN, Natal-RN), e de Lisboa (UL, Lisboa-Portugal). Estas instituições foram escolhidas para testagem inicial do instrumento devido a: (i) fácil acesso dos pesquisadores, uma vez que se tratam de seus locais de estudo ou trabalhoⁱ; (ii) representarem realidades bastante distintas, diversidade que poderia trazer indicações interessantes para uma possível continuidade da pesquisa. Com relação ao último ponto: a UFT está no Centro-Norte brasileiro (em região de expansão de novas fronteiras agrícolas com baixíssima densidade populacional), é uma universidade recente (doze anos) localizada em cidade-capital e estado jovens (Palmas, Tocantins, fundados em 1988 e 1990, respectivamente), cujo curso de AU foi criado em 1992ⁱⁱ; a UFRN localiza-se em uma cidade litorânea com 415 anos, foi criada na década de 1960, e seu curso de AU tem 42 anos; a UL encontra-se em

uma capital europeia milenar, a criação da universidade remonta ao século XVIII, e seu curso de Arquitetura tem 243 anos.

A coleta de dados aconteceu entre Agosto/2013 e Novembro/2014, envolvendo 208 estudantes que cursavam disciplinas de Projeto de Arquitetura nestas instituições.

Descrição do instrumento de pesquisa

O teste, inspirado em Akalin et al. (2009), foi composto por trinta imagens externas de obras arquitetônicas reconhecidas pela literatura especializada e escolhidas com o apoio de um painel de *experts* (formado por treze professores de dez programas de pós-graduação em AU brasileiros). Os exemplares foram congregados em dez “grupos de imagens”, caracterizados pela homogeneidade do seu conjunto visual-estético. Na submissão aos *experts*, cada “grupo” foi composto por cinco imagens, dentre as quais os professores participantes poderiam eleger duas. No caso de discordarem dos exemplares escolhidos, eles poderiam, ainda, propor outras obras arquitetônicas não constantes dentre as imagens enviadas ou fazer observações relacionadas, por exemplo, à qualidade da foto ou ao seu enquadramento.

Os dez “grupos” de imagens apresentados aos *experts* continham obras variadas, desde o Neoclassicismo até a contemporaneidade: Grupo 01, Neoclassicismo (séc. XVIII); G02, Revivalismo (sécs. XVIII e XIX); G03, Art Nouveau (1870-1900); G04, Arquitetura Neocolonial Brasileira (1910-1930); G05, OAM I (1920-30); G06, OAM II (1940-60); G07, Art Deco (1930-40); G08, Pós-Modernismo/Historicismo (1960-90); G09, High tech (1970-90); G10, Pós-Modernismo/Desconstrutivismo (1980-2010). Note-se que dentre os dez grupos apresentados, ilustrados pela Figura 1, dois se relacionavam às OAM (os grupos G05 e G06).

Figura 1: Exemplo de um “grupo de imagens” constante em painel de *experts*



Fonte: Dados da pesquisa

Ao final desse processo, as três imagens mais votadas em cada “grupo” passaram a integrar o instrumento aplicado aos estudantes, composto por um total de trinta imagens. Para a aplicação do teste as imagens foram misturadas e dispostas aleatoriamente (Figura 2), omitindo-se a vinculação

estilística das obras para que os estudantes fizessem as suas avaliações a partir de seus próprios critérios; portanto, a divisão por “grupos” foi examinada apenas pelos pesquisadores.

Além de leiaute impresso totalmente em preto e branco (para que as preferências de cor do estudante não afetassem suas escolhas), as imagens foram também projetadas em tela (na mesma sequência apresentada no material impresso).

Na coleta de dados foi solicitado aos participantes que atribuíssem valores a cada imagem, usando uma escala de 1,0 a 5,0, nas seguintes condições: 1,0 = não gosto; 2,0 = gosto pouco; 3,0 = gosto medianamente; 4,0 = gosto muito; 5,0 = gosto muitíssimo.

Figura 2: Fragmento sequencial de teste apresentado aos estudantes

13	14	15	16
			
<input type="checkbox"/> 1= não gosto <input type="checkbox"/> 2= gosto pouco <input type="checkbox"/> 3= gosto medianamente <input type="checkbox"/> 4= gosto muito <input type="checkbox"/> 5= gosto muitíssimo	<input type="checkbox"/> 1= não gosto <input type="checkbox"/> 2= gosto pouco <input type="checkbox"/> 3= gosto medianamente <input type="checkbox"/> 4= gosto muito <input type="checkbox"/> 5= gosto muitíssimo	<input type="checkbox"/> 1= não gosto <input type="checkbox"/> 2= gosto pouco <input type="checkbox"/> 3= gosto medianamente <input type="checkbox"/> 4= gosto muito <input type="checkbox"/> 5= gosto muitíssimo	<input type="checkbox"/> 1= não gosto <input type="checkbox"/> 2= gosto pouco <input type="checkbox"/> 3= gosto medianamente <input type="checkbox"/> 4= gosto muito <input type="checkbox"/> 5= gosto muitíssimo

Fonte: Dados da pesquisa

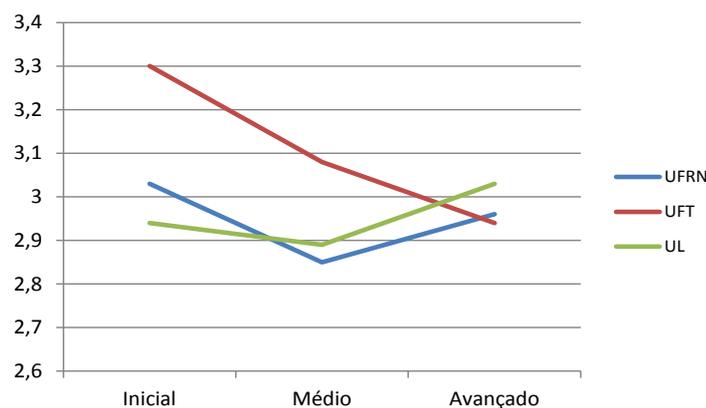
Na aferição dos resultados foram excluídas as maiores e menores avaliações (cerca de 20% do totalⁱⁱⁱ), e trabalhados os valores médios relativos ao “conjunto geral dos exemplares” e dos “grupos de imagens”. Num segundo momento os resultados foram divididos em função de dois “conjuntos de grupos”: os referentes às OAM e os relacionados às demais obras.

3 RESULTADOS

Considerando os três níveis de curso, os scores médios relativos à avaliação do conjunto geral dos exemplares variaram para menos nas duas instituições brasileiras (Figura 3): na UFRN, oscilou entre 3,03 (inicial), 2,85 (intermediário) e 2,96 (avançado); e na UFT variou entre 3,30, 3,08 e 2,94, respectivamente. Já na instituição portuguesa, as médias variaram positivamente, entre 2,94, 2,89 e 3,03. Estes dados apontam que os alunos brasileiros tiveram menor apreço por obras referenciais nos estágios mais avançados do curso, inversamente ao que ocorreu com os portugueses, que tenderam a

gostar menos destas obras no estágio inicial do curso. Os dados poderiam indicar uma maior crítica às referências arquitetônicas por parte dos alunos brasileiros nos estágios mais avançados de aprendizado e, ao contrário, uma maior valoração deste repertório pelos estudantes portugueses.

Figura 3: Resultado dos valores médios relativos ao conjunto geral dos exemplares nas três instituições pesquisadas



Fonte: Dados da pesquisa

Porém, confrontando-se os *scores* referentes aos dez “grupos” separadamente, tal constatação não se sustenta, haja vista que dentre os brasileiros essa criticidade centrar-se-ia nos “grupos” das não-OAM, enquanto que dentre os portugueses tal valoração, por ter se apresentado diluída e equilibrada, apontaria para um menor exercício crítico daqueles alunos. Nesse sentido, a Figura 4 apresenta os resultados médios aferidos nas duas instituições brasileiras conjuntamente. Eles apontam para variações positivas em apenas dois “grupos de imagens” (G06, OAM II; e G10, Desconstrutivismo), e variações levemente decrescentes (próximas da estabilidade) em outros dois (em G04, Arquitetura Neocolonial Brasileira; e G05, OAM I). Todos os demais “grupos” apresentaram tendência a oscilar negativamente, com destaque para G02 (Revivalismo).

Já a Figura 5 apresenta os resultados obtidos na UL-Portugal, onde os “grupos” com as três maiores variações negativas foram os mesmos que no Brasil alcançaram as maiores variações positivas e estabilidade: G10, Desconstrutivismo; G05, OAM I; G06, OAM II. No mesmo sentido, e diferentemente dos resultados brasileiros, as oscilações para cima em Portugal foram mais numerosas, com destaque para: G07, Art Deco; G08, Pós-modernismo/Historicismo; G04, Arquitetura Neocolonial Brasileira.

Ao analisarmos os dois “conjuntos de grupos” (apresentados na Figura 6) observamos que, dentre os alunos da UFRN houve um contínuo aumento dos valores atribuídos ao “conjunto” das OAM (opções ‘gosto muito’ e ‘gosto muitíssimo’) e decréscimo para o “conjunto” das demais obras (se aproximando de ‘gosto pouco’). Além disso, a diferença entre as notas atribuídas às OAM e as notas para as demais obras aumentou de 0,59 no estágio inicial, para 1,17 no intermediário e 1,66 no estágio avançado. Por sua vez, na UFT, os resultados referentes às OAM oscilaram ligeiramente para baixo, enquanto que as demais obras tiveram redução mais significativa. Também nessa instituição, observou-se variação progressiva entre a diferença das notas, embora em menor escala. Nesse sentido, os resultados confirmam parcialmente a hipótese, pois, mesmo que tenha havido progressivo distanciamento entre as curvas OAM e demais obras, se esperava crescimento das preferências acerca das OAM nas instituições brasileiras, fato que, no entanto, foi observado em apenas uma das escolas (UFRN). Na UL, ao contrário das instituições brasileiras, percebeu-se maior aproximação entre as duas curvas. A diferença inicia-se em 1,03, vai para 0,52 no estágio médio e 0,41 no estágio final. O que nos faz pressupor um maior senso crítico às OAM à medida que os estágios avançam, com médias regressivas de 3,79; 3,33; 3,32, e progressivas para as demais obras: 2,76; 2,81; 2,91. Ou seja, a escola portuguesa apresentou dentre os seus alunos em estágios mais avançados preferências por um repertório mais variado do que aconteceu no Brasil.

Figura 4: UFRN e UFT: Resultado dos valores médios relativos aos “grupos de imagens” (146 participantes)

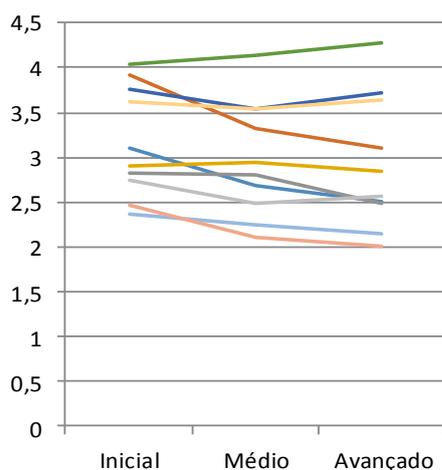
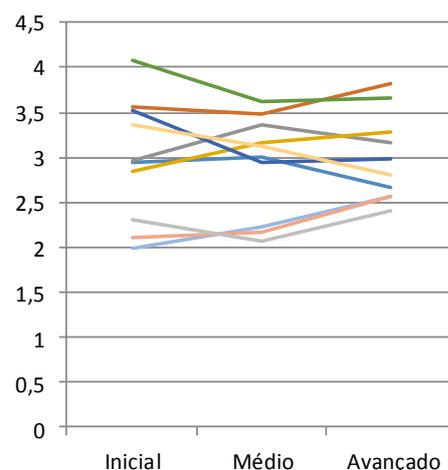


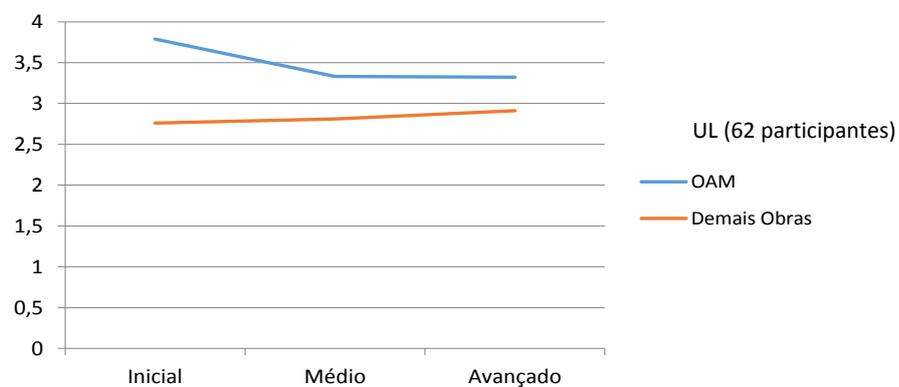
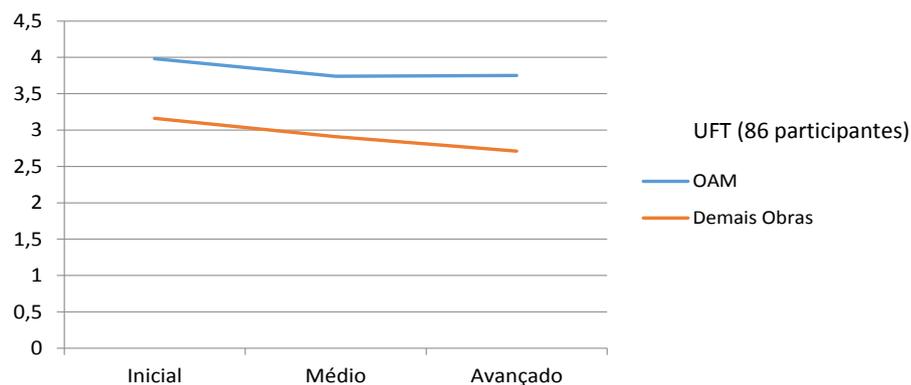
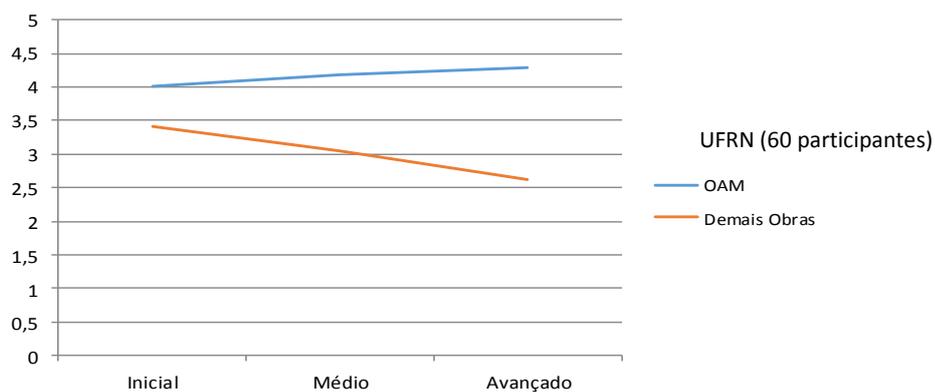
Figura 5: UL: Resultado dos valores médios relativos aos “grupos de imagens” (62 participantes)



— G01; — G02; — G03; — G04; — G05; — G06; — G07; — G08; — G09; — G10

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 6: Gráficos dos resultados das médias relativas aos dois “conjuntos de grupos” atribuídas por alunos da UFRN, UFT e UL



Fonte: Dados da pesquisa

Assim, considerando-se os três níveis de curso (início, meio e final), constatou-se que, dentre as três instituições pesquisadas, as avaliações referentes às OAM apresentaram notável progressão na UFRN, estabilidade na UFT, e regressão na UL; enquanto que para os demais “grupos” as notas regrediram fortemente na UFRN e UFT, e se elevaram na UL.

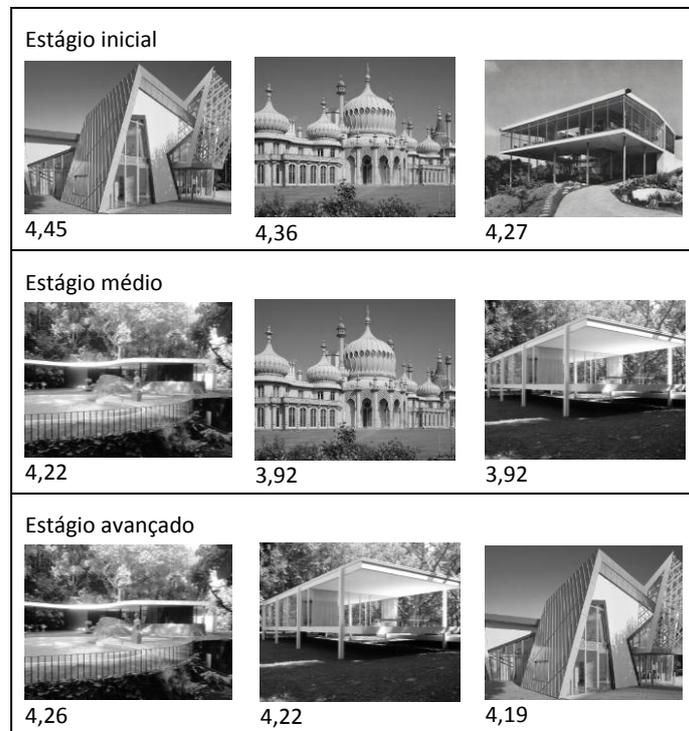
Observadas isoladamente, as três obras que alcançaram as maiores pontuações na UFRN são praticamente as mesmas nos três estágios, todas pertencentes aos “grupos” de OAM (Figura 7). Tal repetição também ocorreu na UFT (Figura 8), porém, em menor escala, pois no estágio inicial as obras mais pontuadas foram mais diversificadas se considerarmos os “grupos” às quais pertencem, enquanto que nos estágios médio e avançado houve maior tendência às OAM. Na UL, o repertório modernista também se fez presente nas preferências dos estudantes, mas em maior evidência nos estágios iniciais (Figura 9). Dentre os alunos em fase mais avançada, exemplares do “grupo” Revivalismo alcançaram as maiores notas em Portugal. Porém, assim como observado nas instituições brasileiras, os alunos portugueses elegeram obras que pouco variaram em função dos estágios de aprendizagem.

Figura 7: UFRN: Resultado das três maiores notas médias, relativas aos exemplares isoladamente

Estágio inicial		
		
4,15	4,15	4,15
Estágio médio		
		
4,65	4,47	4,26
Estágio avançado		
		
4,61	4,57	4,17

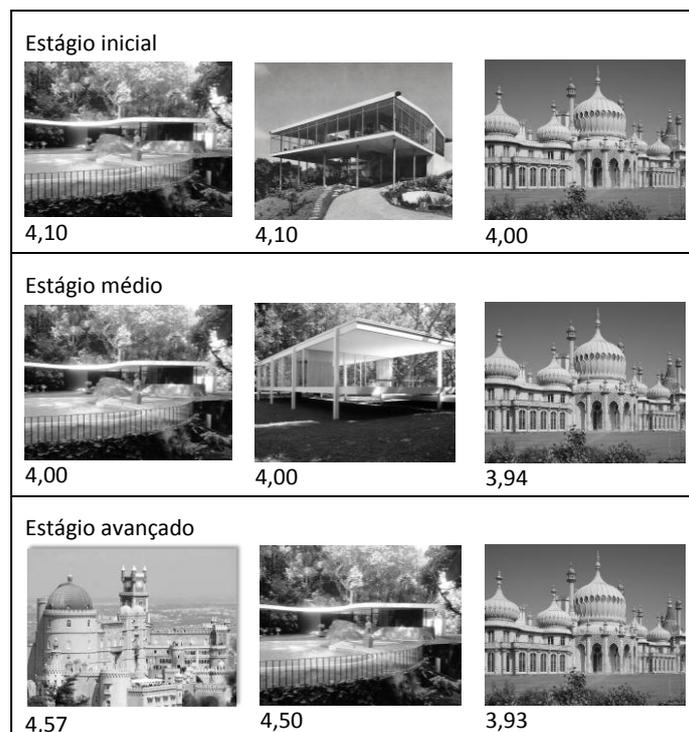
Fonte: Dados da pesquisa

Figura 8: UFT: Resultado das três maiores notas médias, relativas aos exemplares isoladamente



Fonte: Dados da pesquisa

Figura 9: UL: Resultado das três maiores notas médias, relativas aos exemplares isoladamente



Fonte: Dados da pesquisa

Em geral, os resultados confirmam parcialmente a hipótese, pois era esperado o crescimento contínuo das preferências dos estudantes pelas OAM e decréscimo do apreço pelas demais obras nas instituições brasileiras, fato que ocorreu consideravelmente apenas na UFRN. Na UFT, houve estabilidade em relação às OAM e redução de notas para as demais obras. Na UL-Portugal, entendida como um parâmetro comparativo externo ao país (embora este não tenha sido um propósito inicial da pesquisa), os resultados são bastante diferentes aos alcançados no Brasil.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora não almejemos alcançar respostas definitivas para esse estudo (que assume caráter nitidamente exploratório frente à dimensão da tarefa proposta), os resultados apontam que a hipótese tem condições para se sustentar, havendo indicativos que, dentre os estudantes brasileiros existe maior convergência para as OAM no nível mais avançado do curso e uma maior diversidade de preferências entre os alunos iniciantes; enquanto que em Portugal a tendência é oposta. Assim, caso consideremos que a maior valoração do repertório apresentado poderia representar maior diversidade de escolhas e corresponder a um traço vinculado à potencialização do processo criativo, esse tipo de resultado poderia indicar a necessidade de (re)discutir a pedagogia arquitetônica brasileira no que tange às formas de inserção e abordagem de novos repertórios, haja vista que os resultados nacionais apontaram para a significativa redução/limitação de repertórios preferidos ao longo do curso.

Por sua vez, acerca do pressuposto de que os alunos iniciantes têm preferências mais próximas do gosto do público leigo, entendemos que os resultados não confirmaram tal questão. Ao contrário, nas duas instituições brasileiras os estudantes iniciantes avaliaram as OAM com valores bastante altos. Assim, embora esse pressuposto referende o senso-comum, as preferências do público leigo ainda são meras conjecturas apoiadas na literatura citada e na percepção dos pesquisadores.

Mesmo que os resultados sejam apenas preliminares – exigindo uma pesquisa em maior escala em prol de uma discussão aprofundada –, eles reforçam a percepção acerca da pouca preocupação das escolas brasileiras em recuperar a cultura arquitetônica que fora depreciada nas décadas de vigência do ensino modernista. Nesse sentido, corroborando e ampliando uma literatura mais vasta sobre essa temática, os resultados abrem caminho para (re)discutir pressupostos sobre a permanência do ideário modernista caracterizado: (i) pela concepção do partido arquitetônico e das ideias sobre o

projeto serem consequência natural de uma correta interpretação do programa (COMAS, 1986); (ii) pelo destaque à originalidade, recusa do estudo da história da arquitetura e vínculo da forma ao programa (MAHFUZ, 1986); (iii) pela didática com ênfase na vocação/talento do estudante (SILVA, 1986); e (iv) pela filosofia empirista sobre a preocupação de que o universo para a produção artística precisa ser buscado fundamentalmente no próprio interior de quem cria (STRÖHER, 2008).

Finalmente, alerta-se para a necessidade dos cursos de graduação dispensarem maior atenção à formação do *background* projetual dos estudantes como maneira de instrumentalizá-los mais amplamente para a atividade criativa.

5 AGRADECIMENTOS

À CAPES, que proporcionou o financiamento da etapa internacional da investigação; aos Coordenadores e Professores que nos autorizaram e nos receberam em suas disciplinas; e aos alunos que voluntariamente aceitaram a participar da pesquisa.

6 REFERÊNCIAS

AKALIN, A.; YILDIRIM, K.; WILSON, C.; KILICOGLU, O. Architecture and engineering students' evaluations of house façades: Preference, complexity and impressiveness. *Journal of Environmental Psychology*, 2009, V. 29(1), pp.124-132.

ALENCAR, E. M. *Criatividade*. Brasília: Editora UnB, 1995.

BOUDON, P. [et al.] *Enseigner la conception architecturale – Cours d'Architecturologie*. Paris: Éditions La Villette, 2000.

COMAS, C. Ideologia Modernista e Ensino de Projeto Arquitetônico: Duas Proposições em Conflito. In: Comas, C. (Org.). *Projeto Arquitetônico Disciplina em Crise, Disciplina em Renovação*. Porto Alegre, 1986.

DURAND, J. C. *Arte, privilégio e distinção. Artes plásticas, arquitetura e classe dirigente no Brasil, 1855/1985*. São Paulo: Perspectiva / EDUSP, 1989.

ELALI, G. A. Para projetar (nossos) elefantes: considerações sobre a conquista de autonomia projetual pelo estudante de Arquitetura e Urbanismo. In: PROJETAR 2005. *Anais do Rio de Janeiro: PROARQ/UFRJ*, 2005. p. 01-18.

HARRIS, R.; HALL, A. E *Creativity and the need for associative novelty*. *Canadian Journal of Psychology / Revue canadienne de psychologie*, v. 24(2), Apr 1970, 90-97.

KOWALTOWSKI, D. C.; BIANCHI, G.; PAIVA, V. T. Methods that may stimulate creativity and their use in architectural design education. *International Journal of Technologic Design Education*, v. 20, 2010, p.453–476.

MAHFUZ, E. Os conceitos de polifuncionalidade, autonomia e contextualismo e suas consequências para o ensino do projeto arquitetônico. In: Comas, C. (Org.). *Projeto Arquitetônico Disciplina em Crise, Disciplina em Renovação*. Porto Alegre, 1986.

OSTROWER, F. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 2005.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

PULICI, C. Visões do gosto arquitetônico passadista: problematizando o “estilo neoclássico” de São Paulo em perspectiva internacional. *Anais do Museu Paulista*, v.22 (1). São Paulo: jan-jun. 2014, pp. 219-248.

SANOFF, H. *Visual Research Methods in Design*. New York: Van Nostrand Reinhold, 1991.

SERAPIÃO, F. Os edifícios-fantasma e seus ornamentos delinquentes. In: *Arcoweb*, 2004. Acesso: 19-02-2015. Endereço: <http://arcoweb.com.br/projetodesign/artigos/artigo-os-edificios-fantasma-01-04-2004>.

SILVA, E. Sobre a renovação do conceito de projeto arquitetônico e sua didática. In: Comas, C. (Org). *Projeto Arquitetônico Disciplina em Crise, Disciplina em Renovação*. Porto Alegre, 1986.

SOMMER, R. *A Conscientização do Design: o papel do Arquiteto*. Brasília: Brasiliense, 1979.

STAMPS, A. E. Architectural detail, Van der Laan septaves and pixel counts. *Design Studies*, 20, 2009, pp. 83–97.

STRÖHER, R. Algumas considerações sobre o ensino do gosto em arquitetura. *Arquitextos*, São Paulo, ano 08, n. 092.06, Vitruvius, jan. 2008 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.092/177>>.

WEISBERG, R. *Creativity: Genius and Other Myths*. New York: Freeman Press, 1986.

NOTAS

ⁱ A UFT é local de atuação docente do primeiro autor; a UFRN é local de atuação docente do segundo autor, onde o primeiro cursa doutorado; a UL foi o local que acolheu o primeiro autor em estágio sanduiche de doutoramento.

ⁱⁱ O curso de AU foi iniciado pela Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS) em 1992 e incorporado à UFT em 2003, ano de sua fundação.

ⁱⁱⁱ Esclarecemos que, em seu cálculo final, as médias ponderada e bruta não muito diferiram. Assim optamos por realizar a ponderação, pois acreditamos que a opção pela exclusão de maiores e menores notas aproxima-se mais da realidade do universo pesquisado, uma vez que alunos muito empolgados e/ou desmotivados com a pesquisa tendem a deixar o humor do momento interferir nas respostas. Desta forma, evitou-se considerar, conforme constatado, uma minoria de amostras, com notas extremadas.